



1290001932



FE

TCC/UNICAMP Av15r

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Retratos de mulher na literatura infantil: desigualdades de gênero em uma pré-escola

Patrícia Avanci

Campinas

2004

F.E

TEC UNICAMP
Av 15r

1932

16/2005

X

2011/00

28 03 05

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

I

Avanci, Patrícia.

Av15r

Retratos de mulher na literatura infantil : desigualdades de gênero em uma
pré - escola / Patrícia Avanci. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Lúcia Goulart de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infantil. 2. Educação infantil. 3. Criança pequena. 4. Pré –
escola. 5. Relações de gênero. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de . II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-267

PATRÍCIA AVANCI

Retratos de mulher na literatura infantil:
desigualdades de gênero em uma pré-escola

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Estadual
de Campinas como exigência parcial para a
obtenção do título de graduação em Pedagogia,
sob a orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart
de Faria.*

Campinas

2004

Agradecimentos

Longo foi o caminho trilhado até aqui, e muitas foram as pessoas que fizeram parte da caminhada. Agradeço a todas elas pelo apoio dado na hora difícil, pelo incentivo quando faltava fôlego no fim de semestre, por compartilharem da alegria pelas minhas conquistas e por me ouvirem, simplesmente me ouvirem, quando todo esforço parecia ser em vão.

Gostaria primeiramente de agradecer à minha mãe, Denize, que me apoiou desde quando fazer o vestibular para Pedagogia parecia uma idéia meio fora de hora. Ao meu pai, Maurício, que me proveu e fez sempre o que pôde para me ajudar a estudar... Nina, minha irmã, pelas caronas, pela correria de me deixar na FE antes de ir prá FEF, por me fazer rir e tornar o caminho mais alegre! Ao meu irmão Bruno, que tantas vezes ditou meus rascunhos para eu digitar quando faltava só uma hora para entregar o trabalho na Faculdade... e também à namorada do meu irmão, Verônica, que neste último semestre esteve tão perto e também me deu seu apoio nos momentos difíceis.

Às minhas amigas desde o primeiro semestre do curso: Elaine e Daniela. Que viveram comigo todos os sufocos destes 4 anos de curso, que assim como eu ficaram quase malucas nos fins de semestre. Ah! Quantos fins de semestre!!! Quantos seminários, quantos e-mails, xerox e cafezinhos da máquina, que eram chocolate...

Agradeço à minha orientadora, Dra. Ana Lúcia, verdadeira professora, que me mostrou o caminho e me ensinou a dar os primeiros passos na pesquisa, que, nos meus momentos de dificuldade, sempre, sempre me ajudou muito, com as suas palavras de amizade e de incentivo, com muito carinho... nunca vou me esquecer.

À Beth, segunda leitora, que tanto contribuiu com suas pesquisas mesmo quando este trabalho ainda se tratava de um projeto.

Agradeço à Fapesp pelos recursos recebidos que em muito ajudaram no meu enriquecimento intelectual.

Também às minhas colegas de turma, pessoas muito especiais de quem eu jamais irei esquecer: Valéria, Ká, Kati, Mê, Cristina, Ana Paula e Tânia de Mogi, e à todas as outras que de alguma forma se lembrarem de mim, saberão que eu igualmente me lembro delas.

Agradeço da mesma forma às professoras e aos professores que fizeram a diferença na minha formação. E à todos que fazem parte do cotidiano na Faculdade de Educação, que nos foram muito prestativos, um pessoal que sempre nos atendeu com muito carinho e educação; qualquer agradecimento seria pequeno para com eles: o pessoal da recepção, o pessoal da biblioteca, a turma da informática, as moças da Coordenação, pessoal da Direção e Secretaria de Eventos. Muito obrigada a todos.

À Dona Arlete e ao Seu Dario, que sempre me dão toda a força e carinho como verdadeiros pais. Muito obrigada por tudo!

E, finalmente, agradeço ao meu namorado, Neto, por ter ficado de plantão todas as vezes em que eu precisei ficar horas sentada no computador escrevendo... e, simplesmente, por existir, fazer a minha existência mais feliz e me encorajar a ir mais longe sempre!

À minha mãe.

“Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos , a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e, a literatura infantil um instrumento relevante dele.”

Lígia Cademartori.

Resumo

Embora as questões relativas à sexualidade e ao gênero estejam sendo mais reconhecidas nos estudos acadêmicos e nas várias esferas sociais, tem-se observado a escassez de pesquisas que tratem da construção das identidades de gênero na infância. Assim, o presente estudo tem como objetivo voltar as discussões sobre desigualdades de gênero para uma fase da vida ainda pouco contemplada por pesquisas da área de educação: a pequena infância. Através da análise quantitativa e qualitativa dos livros infantis utilizados em uma pré-escola da Rede Municipal de Educação de Campinas, SP, busca-se as representações da mulher na literatura infantil contemporânea brasileira.

Considerando-se a importância de se verificar quais livros estão disponíveis às crianças nas salas das pré-escolas e quais os escolhidos pelas professoras para a leitura das histórias e a forma como a mulher aparece nestas histórias, buscou-se também, através de entrevistas com as profissionais, os critérios que utilizam na escolha das obras e na forma de se contar as histórias.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Educação Infantil; Criança Pequena; Pré-escola; Relações de Gênero.

Sumário

Introdução1

1. Os caminhos da literatura infantil3

 1.1. A literatura infantil como meio de acesso ao imaginário4

2. Gênero: a construção social do feminino e do masculino6

 2.1. As discussões sobre as relações de gênero na infância7

3. No campo de pesquisa...8

 3.1. Levantamento das instituições de educação infantil8

 3.2. A organização da biblioteca infantil9

 3.3. Analisando as histórias infantis10

 3.4. O lugar dos livros infantis em uma das salas da pré-escola14

 3.5. Os livros encontrados na sala15

4. Qual o ponto de vista das professoras sobre os usos da literatura infantil e sobre as questões de gênero na Educação Infantil?22

Considerações Finais26

Bibliografia30

Anexos

1. Levantamento bibliográfico geral

2. Relação das 27 obras da literatura infantil pesquisadas na pré-escola

INTRODUÇÃO

Uma das questões apontadas a partir das investigações realizadas por educadores/as e estudiosos/as acerca das representações do feminino e do masculino é a construção histórica e social das identidades sexuais e de gênero. Louro (2000) esclarece em seu estudo que não se pode negar que a sexualidade e o gênero estão relacionados à natureza, porém não é possível analisar tais questões apenas por este prisma, uma vez "que a própria natureza é, também, uma construção histórica e social" (idem, p. 34). Embora as questões relativas à sexualidade e ao gênero estejam sendo mais reconhecidas nos estudos acadêmicos e nas várias esferas sociais, tem-se observado a escassez de pesquisas que tratem da construção das identidades de gênero na infância. Segundo Rosenberg, "raríssimos estudos parecem ter ido à busca do lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional. Ora, 61% da população estudantil brasileira é composta por crianças e adolescentes com até 14 anos de idade." (PNAD 99 apud Rosenberg 2001, p. 57).

Nesta construção social das identidades sexuais, a instituição educacional exerce um importante papel. Não há dúvidas de que a escola seja sexista (Rosenberg e Amado, 1992), mas é preciso caracterizar melhor por que meios esta instituição reproduz os estereótipos tradicionais, quais ferramentas utiliza para garantir a manutenção das hierarquias pré-existentes na sociedade. Para Zilberman e Magalhães (1987) a literatura infantil é utilizada pela pedagogia como instrumento para atingir seus objetivos. É importante lembrar que os livros infantis também atendem ao interesse das crianças, quando estas utilizam-no como um meio de acesso ao real. Nesta busca pelo real, "a aprendizagem e o reconhecimento [dos] lugares sociais pelos indivíduos é feita (...) através de estratégias tão sutis que se torna extremamente difícil percebê-las." (Louro 2000, p. 35).

Considerando estes aspectos, a pesquisa apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso, traz as representações da mulher na literatura infantil

contemporânea brasileira, através das análises quantitativa e qualitativa de obras publicadas entre 1992 e 2002.

Para esta pesquisa, procurou-se na biblioteca de uma pré-escola da rede municipal de educação da Prefeitura de Campinas, livros aos quais as crianças de 5 a 6 anos têm maior acesso. Para tanto, considerou-se relevante selecionar para a análise livros postos nas prateleiras mais baixas das estantes da biblioteca, às quais as crianças têm acesso direto. A partir dos critérios descritos acima foram selecionadas 27 obras, nas quais buscou-se dados que pudessem esclarecer sobre as formas como as mulheres vêm sendo representadas na literatura infantil.

Após as análises foi considerada a importância de se verificar quais livros estão disponíveis às crianças nas salas das pré-escolas e quais os escolhidos pelas professoras para a leitura das histórias e, assim, quais os critérios que as professoras utilizam na escolha das obras e na forma de se contar as histórias.

1. OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL

É notável o crescimento da literatura infantil nos últimos anos, não somente em números das produções editoriais, como no surgimento de novos autores e autoras. É algo impressionante a forma como o tema literatura infantil tem ganhado força em várias esferas da sociedade, principalmente dentro das instituições escolares. Todas as pessoas parecem reconhecer sua importância: as prefeituras municipais criam projetos de construção de bibliotecas para serem desenvolvidos nas pré-escolas; as instituições particulares de educação anunciam à sua clientela o lugar de honra da literatura infantil em seu cotidiano.

Serra (1998) aponta um crescimento de 58% na produção de livros não-didáticos entre 1992 e 1995.¹ Porém, o problema da não leitura ainda persiste de forma considerável entre crianças e adultos. Na tentativa de encontrar a causa deste desprestígio, acaba por se considerar a televisão, as revistas em quadrinhos e até a música *pop*, os inimigos da literatura. (Zilberman, 1990).

Esta crescente valorização da literatura infantil tem refletido o esforço, principalmente por parte dos/as educadores/as, em impedir o grande avanço da indústria cultural dirigida às massas. Ocorre então a separação entre o que é benéfico e o que é maléfico na produção cultural para crianças; assim, a literatura legitima seu valor através desta concepção de mundo na qual a realidade divide-se entre o bom e o mau; o certo e o errado. (*idem*)

Muitos autores e autoras têm procurado dar conta deste interesse ao qual a literatura infantil vai se vinculando, tornando a literatura infantil um importante instrumento de produção e manutenção de uma cultura que tenta silenciar todas as outras, a cultura legitimada pelas camadas sociais dominantes.

Se inicialmente parecia se estabelecer uma contraposição entre literatura infantil e cultura de massas, evidencia-se que a primeira pode se diluir na segunda, quando encarada sob a ótica do mercado, para o qual a alfabetização também prepara. (*idem*, p. 101)

¹ Dados mais recentes da produção editorial no Brasil foram procurados – sem êxito – no sentido de esclarecer, neste estudo, a tendência de crescimento da literatura infantil.

Desta forma, o livro infantil perde seu caráter lúdico e continua transmitindo para as crianças os valores e as normas do mundo adulto. Ao invés de abrir para as crianças possibilidades de resistência, de recriação da realidade, muitos livros acabam apresentando um discurso conformista que reforça os papéis sociais já consagrados. (*idem*)

Não se pode deixar de levar em consideração que o/a leitor/a das histórias infantis ou as crianças que ouvem as histórias contadas pelos/as adultos/as imprimem na interpretação do texto as suas vivências, suas particularidades; porém, o texto e as imagens enquanto instrumentos de transmissão de normas, tentam condicionar a criança para os valores socialmente determinados.

Zilberman (1990) chama a atenção que somente a solidarização da obra infantil com a criança que lê ou ouve a história pode conferir à literatura seu papel de resistência às normas em vigor.

O pacto com o leitor reforça a posição deste e conforma um núcleo peculiar de resistência, especificando o espaço onde floresce a literatura infantil. E isto se faz pelo fortalecimento tanto do papel da criança, como do papel da leitura, uma vez que esta última converte-se na condição de apreensão do universo dentro do qual o leitor pode expandir suas aspirações íntimas. (*idem*, p. 105)

O livro infantil é produzido num contexto social que menospreza e inferioriza a criança, a mulher, o/a negro/a, o/a índio/a, característica que se deixa transparecer no conteúdo das obras. É somente através de textos solidários que se fará ouvir a voz destas minorias; talvez fosse melhor dizer desta maioria...

1.1. A literatura infantil como meio de acesso ao imaginário

O que se têm feito da literatura para as crianças? Instrumento de manutenção de uma ordem vigente? "(...) a sociedade prefere sempre quem a tranqüilize e confirme sua boa consciência pondo-lhe, dentro dos olhos, a imagem estatisticamente dominante" (Held 1980, p. 234). Então, por que a criança deveria interessar-se pelos livros à ela dirigidos?

A literatura infantil, através de textos e imagens que estrapolem a realidade cotidiana, permite à criança que invente a realidade a seu gosto, permite que a

criança não se conforme com sua realidade cotidiana e construa na sua imaginação a realidade que deseja. Desta forma constrói-se novos caminhos para a realidade cotidiana.

A ficção responde a uma necessidade muito profunda da criança: não se contentar com sua própria vida. A ficção não deveria abrir todas as espécies de portas, permitir à criança outras possibilidades de ser para que possa, finalmente, escolher-se? (idem, p.17)

Assim, a literatura que representa a mulher somente no papel de mãe, ou dona-de-casa, não somente não abre estas portas para a recriação da realidade, mas além disso não traduz uma realidade cotidiana, e sim busca no passado elementos para repetir alguns fatos já superados.

A confusão que tende a dar à literatura (...) papel pedagógico elementar, em vez de fazer dela essa grande educadora que é, essa confusão não é apenas perigosa para a literatura: permite servir-se da literatura para a desfiguração dos fatos (...) (Aragon, s/d *apud* Held 1980, p. 234)

Se a criança vê no livro infantil algo lúdico, algo que lhe permita sonhar com coisas que parecem não existir no "mundo real", e viajar em busca da realidade que mais lhe agrada, na imaginação e na construção que faz de si mesma e do mundo, então, o livro

(...) é um segundo caminho, como o sonho, mas é sonho que dura, pois sendo legível, tem o poder de se repetir. Ao me representar eu me crio, ao me criar eu me repito. Donde a evidência que a imaginação é tanto instrumento da criação quanto da experiência interior, donde a necessidade de reconhecer que o imaginário é o motor do real, o que o movimenta. (Noel, s/d *apud* Held 1980, p. 18)

Faz-se, através de que a "leitura do real passa pelo imaginário" (Blanchot, s/d *apud* Held 1980, p.18), a importância da literatura infantil na pré-escola.

2. GÊNERO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO FEMININO E DO MASCULINO

O conceito de gênero começou a ser utilizado no Brasil mais efetivamente na década de 80, quando os estudos feministas estavam ganhando mais força e um grande número de trabalhos nesta área começavam a surgir. Nesta época os estudos feministas geralmente detinham-se nas questões que tratavam da submissão e da opressão da mulher pelas diversas esferas da sociedade.

Em 1975, Natalie Davis apontava para a necessidade de estudos que abordassem a relação entre os gêneros feminino e masculino:

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeito, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. (Davis apud Scott, 1995, p. 72)

Assim, fazia-se necessário estudar também a construção da masculinidade, uma vez que as desigualdades entre os gêneros surgiam – e surgem – das relações entre os sexos.

Neste sentido, o conceito de gênero considera que as identidades sexuais são construídas social e culturalmente, em uma determinada época, negando qualquer explicação naturalista baseada em conceitos biológicos dos comportamentos das mulheres e dos homens; e, nesta construção, as esferas sociais como a família e a escola têm um papel importante.

Louro (2003) chama a atenção para as outras instâncias que interferem na construção das identidades de gênero, as quais chama de “pedagogias culturais”: televisão, cinema, literatura, publicidade, entre outras.

Como afirma a autora, existem distintas maneiras de viver o gênero, e a sexualidade é uma destas formas: a forma de expressar o desejo ou as preferências sexuais. Porém, na sociedade em que se vive, algumas formas de manifestar a sexualidade são instituídas como as formas certas; mas outras manifestações ocorrem, mesmo sendo consideradas como erradas.

Existe, através das pedagogias culturais, uma manutenção das vozes que têm uma visão de gênero baseada em uma identidade: o homem, branco, heterossexual. (idem)

2.1. As discussões sobre as relações de gênero na infância

Atualmente as questões sobre gênero na infância vem sendo mais freqüentes nas discussões acadêmicas, na chamada indústria cultural para as massas, como a televisão e revistas informativas e de variedades, e inclusive, na literatura infantil, com a publicação de algumas obras que tratam do tema desmistificando os estereótipos e abordando as formas de ser menino e de ser menina na contemporaneidade com sutileza, poesia e bom humor (Faca sem ponta, galinha sem pé, 1998 – Ruth Rocha; Igualzinho, 1998 – Angela Leite de Souza e Luiza Pessoa) e obras que tratam das diversas formas de organização familiar, contemplando de forma realista em seu discurso, por exemplo, as famílias que são providas pela mãe. (A história de cada um, 1996 – Juciara Rodrigues com ilustrações de Mariângela Haddad).

Nas discussões acadêmicas é possível perceber o aumento, embora restrito à alguns grupos de pesquisa, de estudos que tratam do tema, ou que, muito freqüentemente, tratando de um tema diverso, olham para as relações de gênero na infância como um dos pontos a serem analisados em sua pesquisa. Assim, cada vez mais, a construção das identidades de gênero vai aparecendo como uma das dimensões de ser criança.

Alguns trabalhos recentes desenvolvidos pelo Sub-grupo de Educação Infantil da Faculdade de Educação da UNICAMP traduzem esta tendência.

Também neste sentido a organização pela Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, da Faculdade de Educação da UNICAMP, do Dossiê "Infância e Educação: As Meninas", publicado pelos Cadernos CEDES, nº 56 (2002), trazendo 5 artigos de pesquisadores de temáticas diversas que encontraram em suas pesquisas a dimensão do "ser menina".

A organização de palestras, seminários e colóquios trouxe a discussão das teorias da Pedagogia Infantil e das Relações de Gênero na Infância: a palestra "Relações de gênero e educação infantil", ministrada pela Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, dentro dos colóquios "Relações de Gênero" (2004) organizados pelo Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana tratou desta temática.

Também com o enfoque diretamente voltado para o tema foi organizado o Dossiê "Educação Infantil e Gênero", publicado pela Revista Pro-Posições, nº 42 (2003).

Porém, embora este aumento das discussões acerca das relações de gênero na infância e da construção das identidades sexuais possa estar sendo observado neste momento, foi possível constatar através desta pesquisa que tais questões não estão presentes da mesma forma no espaço de educação infantil, o que instiga-nos cada vez mais a olhar para este campo.

3. NO CAMPO DE PESQUISA...

3.1. Levantamento das instituições de educação infantil

Inicialmente, este estudo buscava utilizar como fonte para a coleta de dados o acervo da Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP, o qual conta com um considerável número de obras da literatura infantil. Porém, foi considerada a grande relevância de se pesquisar a literatura infantil com a qual as crianças têm tido um contato efetivo; não seria possível ter acesso ao destino dos livros infantis da Faculdade de Educação ao serem retirados da biblioteca. Tendo em vista esta necessidade, optou-se pelo acervo das pré-escolas como fonte para a coleta de dados.

Uma vez que esta pesquisa objetiva utilizar o acervo de literatura infantil de creches e pré-escolas públicas e/ou particulares de Campinas, foi necessário realizar um levantamento das instituições deste município. A partir de informação fornecida pela Secretaria de Educação do Município de Campinas, foi possível localizar, no portal da Prefeitura de Campinas na Internet, a relação de instituições de educação infantil cadastradas na Prefeitura.

Desta relação foram destacadas as creches e pré-escolas públicas localizadas no Distrito de Barão Geraldo; por se tratar de um município de grande extensão territorial, esta preferência deu-se em função da proximidade das instituições onde a coleta de dados se realizaria e a Faculdade onde a pesquisa

foi desenvolvida, uma vez que as atividades do Trabalho de Conclusão de Curso podem ser realizadas concomitantemente ao curso de graduação.

O contato com as instituições foi feito aleatoriamente, até obter-se a autorização para a coleta de dados em uma pré-escola. A apresentação do projeto de pesquisa para a instituição foi realizada pessoalmente através da exposição da relevância desta pesquisa, de seus objetivos e uma breve descrição dos procedimentos para a coleta de dados.

3.2. A organização das bibliotecas infantis

Na instituição colaboradora desta pesquisa existe um espaço específico para o acervo de literatura infantil, além das salas de cada turma, onde as obras deste estilo literário também são encontradas.

A biblioteca conta com muitos títulos de literatura infantil, além de fitas de vídeo de filmes infantis e cd's de músicas para crianças. Dentre os títulos de literatura infantil foram encontrados livros de imagens (sem palavras) e livros com textos e imagens e, não foi encontrado nenhum livro somente de texto, sem imagens.

Considerando que a professora responsável pela biblioteca não leu todas as obras, organizou-se o acervo de acordo com a temática suscitada pelos títulos.

A maioria dos meninos e das meninas desta instituição não estão alfabetizados/as, porém as professoras contaram que eles/as escolhem para levar para casa livros com texto. Pode-se perceber que as crianças identificam a existência de uma história nas palavras do livro, embora ainda não consigam lê-las sozinhos/as.

A biblioteca da pré-escola conta com estantes cujas prateleiras são forradas com plástico colorido; assim, cada temática recebe uma cor específica, a qual é também marcada no livro pertencente à temática correspondente à da estante na qual deve ficar. Desta forma, as próprias crianças conseguem localizar os livros e devolvê-los aos lugares corretos. Esta organização, criada pela professora responsável pela biblioteca, também facilita o acesso das outras professoras ao acervo.

As cores das estantes e suas respectivas temáticas são:

- Azul Clara – fábulas e contos de fadas;
- Vermelha – fantasia;
- Verde – natureza, ecologia e saúde;
- Amarela – aventura;
- Multicolorida – valores, religião; vídeos e cd's;
- Cinza – Obras de referência (principalmente para o uso das professoras);
- Azul Marinho – Livros e coleções didáticas (principalmente para o uso das professoras);

Embora esta organização proporcione certa autonomia às crianças, estas não têm acesso às prateleiras mais altas das estantes. A professora responsável pela biblioteca tentou resolver esta questão colocando a maioria dos livros nas prateleiras mais baixas, mas ainda existe um número considerável de títulos nas prateleiras mais altas. Não existem na biblioteca objetos ou móveis nos quais crianças possam subir a fim de alcançar as prateleiras mais altas.

3.3. Analisando as histórias infantis

As histórias que compõe as obras selecionadas foram analisadas quantitativamente, levando-se em consideração o gênero das personagens – masculino ou feminino –, a atividade, os tipos profissionais e os vínculos familiares das personagens dentro das histórias. Tomou-se como base o estudo de Rosemberg (1984) na organização destas categorias. Foi considerada nesta análise a frequência das personagens dentro de cada categoria.

A análise quantitativa justifica-se "quando a pesquisa se propõe estabelecer certos tipos de comparação em que o número, mesmo que seja empregado descritivamente apenas, torna-se imprescindível" (idem, p. 42). É também apropriada por conferir objetividade e sistematização à coleta de dados (idem). Atualmente ainda se verifica a tendência dos pesquisadores sociais deixarem os dados estatísticos por conta dos estatísticos, dos economistas... (Rosemberg, 2003).

A partir do acervo da pré-escola foram selecionadas 27 obras da literatura infantil brasileira, editadas ou reeditadas entre 1992 e 2002. As obras traduzidas

e/ou publicadas nos anos anteriores não foram consideradas neste levantamento, uma vez que este estudo prefere analisar a produção literária mais recente de adultos/as para crianças. Neste levantamento foram incluídas 4 obras as quais, embora não apresentassem a data de sua publicação, foram consideradas relevantes para este estudo por apresentarem explícito conteúdo formativo para as crianças, como "O livro dos sexos" e "Como nasce um homem".

A intenção era, a princípio, buscar somente a literatura destinada às crianças de 5 a 6 anos, faixa etária que mais frequenta a pré-escola; porém foi possível perceber que o acervo da instituição contava com um grande número de obras, a grande maioria sem a especificação da idade a qual se dirigiam. Concluiu-se portanto, que a literatura infantil representa também uma importante forma de lazer e, nesse caso, o que conta é a curiosidade e o interesse do/a leitor/a, independentemente da indicação de faixa etária inscrita na obra.

Tendo em vista a organização das obras na biblioteca – separadas em estantes de acordo com a temática: aventura, ecologia, ... – foram retiradas quantidades equivalentes de livros das prateleiras mais baixas das estantes, às quais as crianças têm um acesso direto, procurando desta forma aproximar mais o objeto deste estudo das histórias que as crianças realmente lêem ou ouvem.

O início das análises deu-se efetivamente com o registro das referências bibliográficas das obras. Foram anotados o título do livro, o nome do/a autor/a, os nomes dos/as ilustradores/as, o título da coleção à qual pertencia, o nome da editora, a cidade e a data de publicação. Também foi observada a ficha catalográfica, da qual destacaram-se, além dos dados mencionados acima, as palavras-chave que apresentavam. Foi observada a unanimidade do termo "Literatura infanto-juvenil" dentre as palavras-chave constantes das fichas catalográficas. Outros termos foram observados, embora com menor frequência: ecologia; livros ilustrados para crianças; lixo-recuperação; livros de leitura; ficção policial e de mistério. É importante destacar que dos 27 livros selecionados, 9 não apresentavam ficha catalográfica.

Após o registro das referências bibliográficas, foi realizado o levantamento das personagens, o qual foi realizado através dos registros dos nomes das

personagens e dos tipos que representavam dentro da história. Foi levado em consideração nestes registros, não só o texto escrito das histórias, mas também as ilustrações. Assim, mesmo uma personagem que não aparecia no texto escrito em determinada página, mas apresentava-se na ilustração de forma que pudesse ser identificada a partir do tipo que estava representando, era registrada.

Após a tabulação destes dados, ficou nítida a disparidade entre o número de personagens femininas e o número de personagens masculinas presentes nas obras analisadas. Foram encontradas 54 personagens femininas e 91 personagens masculinas, as quais foram classificadas pelos tipos que representavam na história, conforme dados que seguem na tabela a seguir:

Tipos Femininos

avó	3
mãe	10
criança (menina)	16
tia	4
animal	7
entidades etéreas	2
mulher	4
objetos antropomorfizados	4
esposa	2
mulher idosa	2

Total T.F. 54

Tipos Masculinos

avô	2
pai	5
criança (menino)	30
tio	2
animal	23
entidades etéreas	3
homem	17
objetos antropomorfizados	3
marido	2
primo	3
monstro/extra-terrestre	1

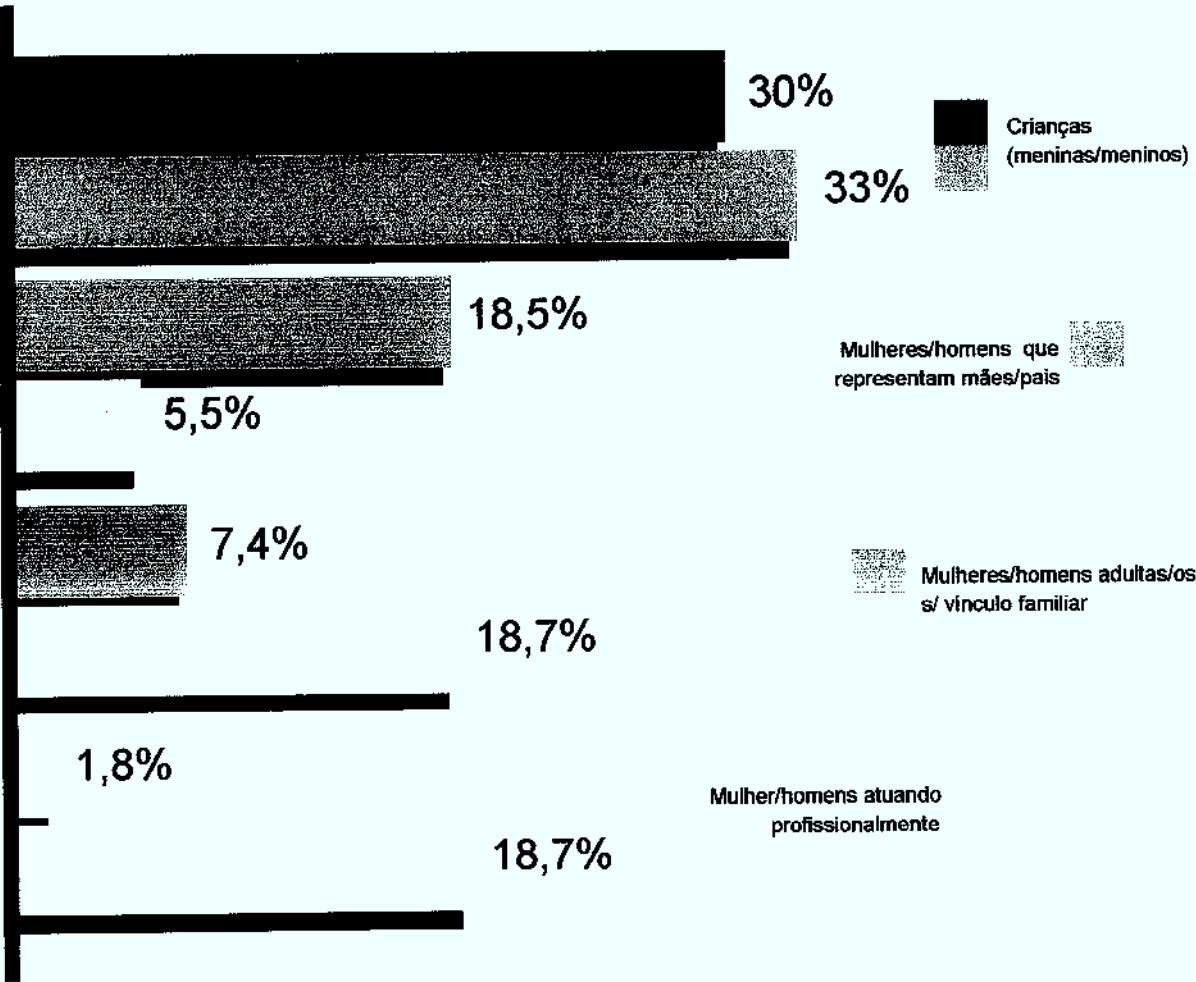
Total T.M. 91

Conforme o gráfico apresentado a seguir, dentre os tipos femininos apresentados nestas obras, as meninas são representadas em maior número, aproximadamente 30%. Logo em seguida, vêm as personagens que representam as mães, com 18,5% do total de tipos femininos apresentados nestas histórias para crianças.

Algo semelhante ocorre na análise dos tipos masculinos: 33% representam crianças, ou seja, os meninos. Porém, no que se refere à representação dos pais nas histórias infantis, estes somam apenas 5,5%. Em diversas obras analisadas as personagens masculinas são apresentadas

enquanto profissionais, como cientista, vendedor, funcionário de loja, gerente de loja, policial, médico, ministro da saúde, agricultor, açougueiro.

Comparação da frequência: tipos femininos e masculinos
(de acordo com a atividade, profissão ou vínculo familiar apresentados nas histórias)



É importante observar que apenas quatro personagens representam mulheres adultas sem algum vínculo familiar, como mãe ou avó e, apenas um, representa uma mulher atuando profissionalmente, como médica auxiliar. Porém, esta é representada apenas na ilustração de uma página, não tendo qualquer

referência sobre ela no texto escrito. A ilustração refere-se à realização de um parto, a qual pode ser observada abaixo:



Outro aspecto que vale a pena ser mencionado é o número de assinaturas femininas na autoria das histórias. Das 27 obras analisadas, 22 tiveram seus textos assinados por mulheres e 13 as ilustrações. Não se sabe, no entanto, se foram usados pseudônimos na assinatura das obras.

3.4. O lugar dos livros infantis em uma das salas da pré-escola

Após a coleta e análise dos dados quantitativos, observou-se a necessidade de olhar para os livros que estavam dentro das salas das pré-escola, uma vez que durante um período da coleta de dados para esta pesquisa a biblioteca da pré-escola ficou sem uma professora responsável e, assim, as crianças não foram à biblioteca no período. Porém, já havia sido constatado que existiam livros infantis dentro de cada uma das salas da pré-escola, o que fez surgir a hipótese de que estes eram os livros aos quais as crianças tinham maior

acesso. Com a intenção de saber quais eram estes livros, a forma na qual eles eram disponibilizados às crianças nestas salas, por quais deles as crianças manifestavam maior interesse, e quais deles eram preferidos pela professora, realizou-se uma nova coleta de dados, descrita a seguir.

No período da manhã, em que a coleta de dados foi realizada, apenas uma sala de pré-escola estava tendo atividades. Nesta sala realizou-se a nova coleta de dados observando as indagações descritas no tópico anterior.

Foram encontrados 55 títulos de literatura infantil, tanto estrangeira como nacional. As obras estavam guardadas em uma caixa arquivo, colocada sobre uma prateleira à qual as crianças não alcançam.

Às vezes a professora coloca a caixa no chão e espalha os livros para que as crianças possam ter acesso. Durante algumas observações deste momento foi possível constatar um grande interesse da maioria das crianças pelos livros, embora houvesse sempre por parte da professora certa apreensão com relação à forma como as crianças os manuseavam, no sentido de não rasgarem, riscarem, etc.

3.5. Os livros encontrados na sala

Foram encontrados os seguintes títulos da literatura infantil nesta sala de pré-escola:

- 20 Títulos de obras de autores/as estrangeiros/as e contos de fadas

101 Dálmatas – Filhotes de Neve

Walt Disney; sem indicação de ilustrador/a

Ed. Melhoramentos, s/ data.

A Dama e o Vagabundo

Walt Disney; sem indicação de ilustrador/a

Ed. Melhoramentos, s/ data.

A Bela Adormecida

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Basileitura, s/ data.

A Pequena Sereia

Walt Disney; sem indicação de ilustrador/a

Ed. Impala, s/ data.

Peter Pan

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Basileitura, s/ data.

Os Três Porquinhos

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Canaã, s/ data.

Os Aristogatas

Walt Disney; sem indicação de ilustrador/a

Ed. Melhoramentos, s/ data.

Uma História por Dia – Primavera

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Abril Jovem, 1996

Os Três Porquinhos

Coleção Silvio Santos para Crianças

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Matiz, 2000.

Pinóquio

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Torá, s/ data.

Alice no País das Maravilhas

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Melhoramentos, s/ data.

Joãozinho e o Feijão Mágico

Coleção Silvio Santos para Crianças

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Matiz, 2000.

Chapeuzinho Vermelho / Cinderela

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Basileitura, s/ data.

Branca de Neve

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Edições Todolivro, 1994.

Uma História por Dia – Outono

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Abril Jovem, 1996

Os Três Porquinhos

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Cedibra, 2000.

Cinderela

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Torá, s/ data.

O Povo das Renas – Uma aventura na Suécia

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Abril Jovem, 1996

Aladdin

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Abril Jovem, 1996

Batman Eternamente – A História do Filme

Sem indicação de autor/a e ilustrador/a

Ed. Abril Jovem, 1996

- 33 Títulos de obras de autores/as brasileiros/as

A Vaca Mimosa e a Mosca Zenilda

Silvia Orthof; Desenhos: Gê Orthof

Ed. Ática, 1987.

Evolução da Vida: O Boto – Uma fantasia para ler e colorir

Sérgio J. Cântara; Ilustrações: Sérgio J. Cântara

Ed. Edelbra, s/ data

A Festa dos Ursinhos (Coleção Serelepe)

Darly Nicolanna Scornaienchi

Co-edição: OESP-MALTESE, s/ data.

Fada Cisco Quase Nada

Sylvia Orthof; Ilustrações: Eva Furnari

Ed. Ática, 1992.

As Mil e uma Histórias do Gênio: o Segredo do Gênio (vol.1)

Habib's

S/ data, editora ou autor.

O Cavalo Faísca (Mundo Encantado Beto Carrero)

Cristina Marques; Ilustrações: Estúdio Criação

Sem editora e sem data.

Cícero Cicerone

Cristina Porto; Ilustrações: Paulo Tenente.

Ed. FTD, 1990

Os Lençóis do Fantasma Ziguezague

Elza Cesar Sallut; Ilustrações: Alcy

Ed. Ática, 1988.

Tatugo Timbó – Os Animais Silvestres

Patrícia Secco; Ilustrações: Daniel Kondo

Ed. Lloyds TSB; 1999.

Pepeu: o Pintinho Carijó

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

Evolução da Vida: o Castor – Uma Fantasia para Ler e Colorir

Sérgio J. Cântara; Ilustrações: Sérgio J. Cântara

Ed. Edelbra, s/ data

Fifi: a Foca Distraída

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

A Semente da Verdade (Conto Folclórico Oriental)

Patrícia Secco; Ilustrações: Eduardo Arnold Engel

Ed. Fundação Educar – DPascoal – Ministério da Cultura, 2002.

**Os Voluntários da Saúde em: Dengue Nunca Mais!!!!
(Livro de atividades)**

Patrícia Secco; Ilustrado por: Eduardo Arnold Engel

Ed. Fundação Educar – DPascoal – Ministério da Cultura, 2002.

O Caracol

Mary França e Eliardo França

Ed. Ática, 1989.

Francisquitim

Maria Heloísa Penteado; Ilustrações: Jota.

Ed. Ática, 1990.

Evolução da vida: O Elefante- Uma fantasia para ler e colorir

Sérgio J. Cântara; Ilustrações: Sérgio J. Cântara

Ed. Edelbra, s/ data

Como ser feliz sendo um voluntário

Patrícia Secco; Ilustrado por: Eduardo Arnold Engel

Ed. Fundação Educar – DPascoal – Ministério da Cultura, 2002.

A Ratinha Presunçosa

Sem indicação de autor/a, ilustrador/a ou data.

Editorial Bruguera

Grandão, o Dragão

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

Surpresas!

Mary França e Eliardo França

Ed. Ática, 1987.

Caraoquê, o Caracol

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

Uma aventura no céu

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

Evolução da Vida: O Bicho da Seda – Uma fantasia para ler e colorir

Sérgio J. Cântara; Ilustrações: Sérgio J. Cântara

Ed. Edelbra, s/ data

As Sete Cidades do Arco-Íris

Teresa Noronha; Ilustrações Izomar Camargo Guilherme

Ed. Moderna, 1983.

Tita e o Chapeuzinho Azul

Gerusa Rodrigues Pinto; Ilustrações: Hugo Mattos da Silva

Ed. Fapi, s/ data.

Era uma vez...

Ana Marques; Ilustrações: Primo Augusto Gerbelli

Ed. Edicon, 1985.

A menina do avental

Betty Coelho Silva; Ilustrações: Ciga Fittipaldi

Ed. do Brasil, 1988.

A Conversa das Palavras

Jandira Masur; Ilustrações: Zeflávio Teixeira

Ed. Ática, 1987.

A Incrível História do Sapo Edgar

Desenhos e história: Ely Barbosa

Sem indicação de Editora e Data.

Aconteceu em Surupanga

Teresa Noronha; Ilustrações: Carlos Cunha

Ed. Pioneira, 1984.

As Maluquices do Dr. Lelé

Teresa Noronha; Ilustrações: Carlos Cunha

Ed. Pioneira, 1986.

As Invenções do Dr. Lelé da Cuca

Teresa Noronha; Ilustrações: Carlos Cunha

Ed. Pioneira, 1993.

- Dos títulos comprados recentemente pela professora da turma de pré com a verba liberada pela direção da pré-escola, foram selecionados para esta listagem somente os de autores/as brasileiros/as, conforme a descrição a seguir:

Sabe de quem era aquele rabinho?

Elza César Sallut; Ilustrações: Michele

Ed. Scipione, 2003

Sabe o que a girafa espiou?

Elza César Sallut; Ilustrações: Michele

Ed. Scipione, 2003

Sabe quem puxou a orelha do coelho?

Elza César Sallut; Ilustrações: Michele

Ed. Scipione, 2003

Os peixes-sombra e o espelho encantado

Elizabeth Andrade Araújo; Ilustrações: Rodval Matias

Ed. Paulinas, 1997.

A viagem da sementinha

Regina Siguemoto; Ilustrações: Martinez

Ed. Paulinas, 1991.

O pé do papai

Roger Stoltz; Ilustrações: Alexandre Rampazo

Ed. Paulinas, 2000.

A cesta de D. Maricota

Tatiana Belinky; Ilustrações: Martinez

Ed. Paulinas, 1992.

Pai sabe tudo e muito mais

Edy Lima; Ilustrações: Mariângela Haddad

Scipione, 1995

Mãe que faz e acontece

Edy Lima; Ilustrações: Mariângela Haddad

Scipione, 1995

Pedro Pé-de-Valsa

Denise Milaré e Sylvia Maria Calipo; Ilustrações: Marcelo Martins

Ed. Scipione, 1997.

A História de Cada Um

Juciara Rodrigues; Ilustrações: Mariângela Haddad

Ed. Scipione, 1996.

- *Você considera importante ter um conjunto de livros infantis na sua sala de pré-escola?*
- *Geralmente, você prefere deixar os livros ao alcance das crianças o tempo todo, ou seja, em lugares baixos de fácil acesso, ou prefere disponibilizá-los em momentos determinados?*
- *Quando você usa os livros infantis na sua sala, você lê as histórias para as crianças, ou previamente lê a história para conhecê-la e depois conta para as crianças com as suas palavras e interpretação?*
- *Quais procedimentos você usa para ler ou contar as histórias?*
- *Você utiliza algum critério para escolher o livro que vai ler ou a história que vai contar para as crianças?*
- *Quando você escolhe um determinado livro para fazer parte do acervo de sua sala, leva em consideração algum critério?*
- *Você conhece as teorias de letramento?*
- *Quais são seus objetivos quando coloca os livros à disposição das crianças?*
- *Você considera que a literatura infantil é utilizada na pré-escola no sentido de uma pré-alfabetização ou no sentido de formar o/a leitor/a, proporcionando à criança o contato com o livro para que ela descubra mais uma fonte para o seu divertimento, mais uma forma de conhecer o mundo e a cultura da qual faz parte?*

A partir do roteiro descrito acima, realizou-se as entrevistas com as três professoras da pré-escola na qual essa pesquisa foi desenvolvida. Quando se perguntou para as professoras se consideravam importante ter um conjunto de livros infantis na sala de sua turma, foi unânime a resposta afirmativa. As respostas das professoras evidenciaram mais uma vez a importância que é dada à literatura infantil dentro das instituições de educação infantil, conforme afirmado anteriormente neste texto.

Porém, quando abordou-se a questão de deixarem os livros ao alcance das crianças as respostas das três professoras foram diversas entre si. Houve

4. QUAL O PONTO DE VISTA DAS PROFESSORAS SOBRE OS USOS DA LITERATURA INFANTIL E SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Durante as visitas de campo realizadas na pré-escola pública, foram realizadas conversas não sistematizadas com a professora da sala onde a coleta de dados procedeu-se. Durante estas conversas a professora afirmou que as obras disponíveis em sua sala não representavam as suas escolhas, pois o acervo já estava formado quando esta assumira a turmas. Demonstrou o desejo de poder escolher "um material novo para disponibilizar às crianças".

Conforme descrito anteriormente, em determinado período em que realizou-se a coleta de dados as crianças não foram à biblioteca, pois a pré-escola estava sem uma professora responsável para cuidar da organização do acervo, da compra de livros novos, do empréstimo de livros para as crianças e para acompanhar as crianças nos momentos de visita à biblioteca.

Porém, houve após esse período a liberação de uma pequena verba para a compra de livros infantis, com a qual cada professora pode escolher as obras que desejava para a sua sala. Cada professora comprou entre 30 e 50 obras de sua escolha.

Tendo em vista essa aquisição de livros que seriam disponibilizados às crianças em seguida, considerou-se relevante para o andamento desta pesquisa entrevistar sistematicamente as professoras a fim de compreender algumas questões já apontadas anteriormente, as quais não puderam ser respondidas pelo exposto.

As entrevistas com as professoras da pré-escola poderão trazer elementos para a compreensão dos critérios de escolha das obras disponíveis – e possivelmente das mais sugeridas para as crianças – nesta instituição educacional.

No sentido de esclarecer quais as indagações surgidas ao longo da pesquisa e como se realizou a discussão sobre tais indagações, elaborou-se um conjunto de perguntas que compuseram o roteiro para as entrevistas com as professoras, com base nas teorias que fundamentam esta pesquisa:

tanto discordâncias como uma certa identificação com a idéia, como por exemplo quando uma das professoras afirmou:

“Estou fazendo na sala um espaço para os livros que compramos recentemente; acho que é importante que as crianças tenham esse contato com o livro e que aprendam a usá-lo sem estragar. As crianças têm muita curiosidade sobre os livros, as histórias... acho que é bom deixar que elas vejam. Claro que não é fácil, porque no começo eles ficam querendo mexer a toda hora, mas com o tempo acostumam que tem a hora certa prá ver o livro.”

A partir da fala desta professora questionou-se sobre quais momentos então eram disponibilizados para os livros – uma vez tendo a professora afirmado que as crianças “acostumam que tem a hora certa pra ver o livro”. Assim, a professora explicou que as crianças têm outras atividades na sala, por isso não é possível que elas peguem o livro a qualquer momento, pois “não terminam o que estão fazendo”. Porém, não explicou a sua prática sobre o momento em que é permitido que as crianças manuseiem os livros...

As outras duas professoras afirmaram que por serem livros novos, tem que se cuidar de sua conservação; por isso os livros ficam guardados para serem usados em momentos específicos com as crianças.

Pode-se observar que tanto a professora que deixa os livros ao alcance das crianças como as professoras que deixam os livros guardados estão tendo práticas semelhantes com relação à utilização dos livros, pois em ambos os casos as crianças acabam não tendo acesso ao livro. No caso das crianças que têm o livro num local de fácil acesso na sala, o que a princípio parece uma prática que vai ao encontro das teorias da Pedagogia Infantil, se analisado percebe-se que é uma prática que reproduz a prática da professora que deixa os livros guardados.

Quando questionadas sobre a forma que contavam as histórias dos livros para as crianças, as três professoras afirmaram que escolhiam previamente o livro e depois liam a história para as crianças mostrando as ilustrações de cada página. Participando de um destes momentos da leitura da história para as crianças, foi possível observar que a professora mostrava rapidamente as

ilustrações e não "aproveitava" o comentários realizados pelas crianças. Assim, após a leitura sistemática da obra, questões que tinham despertado o interesse das crianças não eram debatidas. Foi constatado desta forma, que as professoras não realizam uma leitura crítica da obra antes de apresentá-la para as crianças, o que não permite que problematizem os conteúdos que transmitem valores morais ou preconceituosos e discriminatórios, ou imagens estereotipadas em suas personagens.

Portanto quando perguntou-se as professoras quais critérios utilizavam para a escolha da obra a ser lida, verificou-se critérios aleatórios – como por exemplo, em determinada quinzena em que se desenvolvia o projeto "animais", foi escolhido um livro que trouxesse o tema – ou a falta de critérios para a escolha da obra.

Da mesma forma, foi questionado a estas professoras se tinham utilizado algum critério para a compra dos livros novos, ao que responderam basear-se em conteúdos que fizessem parte do universo de interesses da criança como livros em que as crianças são protagonistas das histórias, livros em que animais eram as personagens principais, livros que tratassem do cotidiano das crianças, como a família, etc...

A sessão de entrevistas foi concluída discutindo-se com as professoras sobre as mensagens que os livros de literatura infantil estão transmitindo e sobre a importância de se olhar se estas obras estão comprometidas com a reprodução dos estereótipos sexuais e outras discriminações ou se rompem com eles.

Através das respostas dadas, é possível elaborar a hipótese de que as questões de gênero e as representações das formas de ser menina e de ser menino não estavam refletidas no critérios de seleção das obras a serem compradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirma Cademartori (1987),

O processo de constituição de um homem depende de sua formação conceitual e essa, por sua vez, depende dos padrões de interpretação a ele oferecidos. As diferentes manifestações culturais constituem-se em padrões de interpretação. Entre elas, destaca-se, seja pela alta elaboração própria do código verbal, seja pelo envolvimento emocional e estético que propicia, a literatura. (p. 22)

Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e, a literatura infantil um instrumento relevante dele. Dessa forma, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. (p. 23)

É importante ressaltar que esta pesquisa desenvolveu-se sob o conceito de criança e de infância a partir da ótica da Pedagogia da Educação Infantil, que considera as especificidades deste grupo social em suas diversas manifestações.

Compreender como esse processo de construção social do gênero se realiza tanto pela ação pedagógica e pela instituição escolar, como também e principalmente, pelas relações estabelecidas e construídas entre as crianças e a(s) obra(s) infantil(s) à que têm acesso é o que caracterizou o maior desafio nesta pesquisa.

Trata-se, portanto, "de compreender aquilo que a criança faz de si e aquilo que se faz dela, e não simplesmente aquilo que as instituições inventam para ela." (Sirota, 1990, p. 28)

E assim, foi também fundamental que se ouvisse a voz das professoras que escolhem os títulos de literatura infantil que irão disponibilizar às crianças, pois enquanto não lê, depende de uma voz adulta que decodifique o mundo a

inclinação política que a torna vigente e, por esta razão, um problema que inquieta a todos em nossos dias. (Zilberman, 1999, p. 44)

Outro ponto importante a ser destacado é a forma como a pesquisa abordou a questão do uso da literatura infantil nas salas das pré-escolas. Perguntas como "quais são seus objetivos quando disponibiliza os livros infantis às crianças?" e "você conhece as teorias de letramento?", foram construídas com a intenção de abordar com as professoras a questão de permitir à criança o contato com a cultura escrita na qual estamos em contato desde que nascemos, sem a necessidade de induzir ou preparar para uma futura alfabetização.

Não é porque a escrita amplie as possibilidades de desenvolvimento das crianças que devemos ensinar a escrita; não é porque a convivência com a cultura escrita crie na criança o desejo de ler e escrever que vamos proporcionar essa convivência. (...) Não temos para as crianças desde pequeninhas para que elas criem gosto pela leitura, mas porque a leitura lhes dá prazer, permite que elas conheçam o mundo, que imaginem, que se sintam estimuladas a contar histórias, que criem seus personagens e suas histórias. (Mello 2004, p. 50)

Assim, entende-se que a criança, enquanto sujeito de direitos está mergulhada na cultura escrita que caracteriza nossa sociedade e tem o direito de "usufruir plenamente da cultura acumulada historicamente". (idem)

Esta pesquisa pode trazer as atuais representações das mulheres na literatura infantil, a partir do acervo de uma pré-escola pública da cidade de Campinas. Os dados apontados mostram que as mulheres estão sendo representadas, na maioria das vezes, em personagens com algum vínculo familiar, por exemplo, muitas mulheres aparecem nas histórias como mães da personagem principal da história, enquanto as personagens masculinas ganham mais vezes o papel de protagonistas, e aparecem mais vezes nas histórias, cerca de duas vezes a frequência das personagens femininas, conforme mostrou a tabela da página 12. O fato mais intrigante desta pesquisa foi a assinatura das obras: no primeiro levantamento, das 27 obras analisadas, 22 tiveram suas histórias assinadas por mulheres e 13 as ilustrações e, no segundo levantamento,

de parte das obras adquiridas, de 11 livros, 10 tinham assinatura feminina e 6 as ilustrações. É sempre importante lembrar que não se sabe se foram usados pseudônimos nas assinaturas das obras.

Se existe uma representação da mulher na literatura infantil contemporânea que não corresponde à realidade atual, é por meio de vozes femininas que este discurso está se fazendo: primeiro pela voz das autoras e ilustradoras, depois pela escolha das professoras das obras que vão ler para as crianças.

Através das entrevistas realizadas, nota-se que a formação das profissionais que atuam na educação infantil não dá conta de lhes habilitarem a lidar com as questões da sexualidade na infância e da construção das identidades de gênero. Assim, é possível verificar que tais questões são levantadas quando estão vinculadas a fatos que geram tensões no âmbito da educação infantil, como os modelos bipolarizados dos papéis de gênero. (Cruz, 2003)

É sabido que alguns conteúdos são mais privilegiados que outros quando se discute, por exemplo, a compra de livros novos para as crianças, contudo

(...) a maioria de nós, formadores de educadoras, sempre inclui no trabalho, além das concepções gerais sobre educação ou sobre a instituição, temas como alfabetização, brincadeiras, matemática e por que não educação sexual? (idem, p. 105)

Assim,

(...) a sexualidade passa a ser objeto de estratégias de formação quando e porque ela constitui um problema nas creches e pré-escolas, quando é percebida como uma intercorrência que necessita ser sanada, geradora de conflito a ser apaziguado. (idem, p. 105-6)

Desta forma, é possível perceber a necessidade de se incluir as questões sobre sexualidade infantil, construção das identidades de gênero, desigualdades de gênero na infância, etc, nos currículos dos cursos de formação de professoras/es.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Lúcia. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.93, p. 12-21, maio 1995.
- ANYON, Jean. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais; trad. Edith P. Piza. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (73): 13-25, maio 1990.
- BECCHI, Egle. Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino. **Pro-Posições**, vol. 14, n. 3 (42), p. 41-52, set./dez. 2003.
- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**; trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BERNARDES, Nara. Gênero e educação: construção, debate e polêmica. **Educação & Realidade**, 22 (1): 225-231, jan./jun. 1997.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: EVANGELISTA, Aracy A. M., BRANDÃO, Heliana M. B. e MACHADO, Maria Zélia V. (orgs.) **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** S. Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo, SP: Xamã, 1999.
- CIPOLLONE, Laura. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. **Pro-Posições**, vol. 14, n. 3 (42), p. 25-39, set./dez. 2003.
- CONNEL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (5), p. 185-206, jul./dez., 1995.
- COSTA, Albertina de O., BARROSO, Carmem e SARTI, Cintia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? **Cad. de Pesquisa**, (54): 5-15, agosto 1985.
- CRUZ, Elizabete Franco. Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creche/pré-escola. **Pro-Posições**, vol. 14, n. 3 (42), p. 103-117, set./dez. 2003.

seu redor para ela (Zilberman, 1999). Nessa decodificação, a professora intervém na história, principalmente quando está contando a história e não lendo para as crianças, e assim também as crianças, que vão imprimir as suas impressões na história que estão ouvindo.

A obra de ficção sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira fechada e completa. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. (Zilberman, 1999, p. 41)

Foi importante trazer à tona durante as entrevistas com as professoras questões como: quais são as mensagens transmitidas pela literatura infantil? está comprometida com a reprodução dos estereótipos sexuais ou rompe com eles?

A pesquisa trouxe elementos que torna possível observar que tanto os textos como as ilustrações da grande maioria das obras de literatura infantil analisadas reproduzem os estereótipos sexuais e as desigualdades de gênero presentes na sociedade.

E não refletem as conquistas femininas no mercado de trabalho, por exemplo. Ainda mostram os homens como pais de família, responsáveis pela subsistência material da mesma e, as mulheres enquanto mães, restritas ao espaço doméstico. "Esta imagem contraria as novas relações estabelecidas em vários segmentos da nossa sociedade, onde ambos os pais trabalham fora compartilhando muitas das tarefas domésticas." (Martinez, 1997, p.263)

É preciso considerar que a criança leitora ou a criança que ouve as histórias contadas pelos/as adultos/as interpreta-as também de acordo com suas vivências, muitas vezes interrogando e resistindo aos modelos transmitidos pela literatura infantil. Mas é fundamental buscar elementos que expliquem esta tendência da literatura infantil em perpetuar modelos estereotipados, já que

(...) tratando-se de uma vocação democrática, na medida em que esta afirmação traduz um alargamento na oferta de bens culturais, como uma abertura de horizontes, a leitura – e o livro que lhe serve de suporte e motivação – será efetivamente propulsora de uma mudança na sociedade, se for extraída dela a

EVANGELISTA, Aracy A. M., BRANDÃO, Heliana M. B. e MACHADO, Maria Zélia V. (orgs.) **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & Realidade**, 25 (1): 115-131, jan./jun. 2000.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, vol. 14, n. 3 (42), p. 89-101, set./dez. 2003.

FONSECA, Cláudia e Brito, Maria Noemi Castilhos. Apresentação. **Horizontes Antropológicos**, n. 1 - Gênero, p. 9-10, 1995.

FREITAS, Marcos César de. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Pta., SP: USF, 2001.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha. **Pro-posições**, vol. 10, n. 1 (28), p. 139-156, março 1999.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. **Cadernos de Pesquisa**, (25): 29-98, junho, 1978.

_____. Homem-mulher: por que polarizamos os sexos? **Cadernos de Pesquisa**, (26): 93-8, setembro, 1978.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. S. Paulo: Ática, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade. Comunicação realizada no I **Seminário Internacional "A educação e o gênero feminino"**, Ribeirão Preto, março de 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. **Educação & Realidade**, 14 (2): 31-39, jul./dez. 1989.

_____. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: Silva, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINEZ, Silvia Alicia. Questões de gênero e formação de professores/as. In: CANDAU, Vera Maria (org.) **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELLO, Guiomar Namo. Os estereótipos sexuais na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.15, p. 141-144, jul. 1975.

ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.80, p. 62-74, fev. 1992.

_____. A mulher na literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.15, p. 138-140, set. 1975.

_____. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001.

_____. Educação, gênero e raça. Comunicação realizada no **I Seminário Internacional “A educação e o gênero feminino”**, Ribeirão Preto, março de 2003.

_____. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A discriminação sexista nas instituições escolares: meninos visíveis e meninas invisíveis. In: SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O currículo oculto**. Porto: Ed. Porto, p. 153-165, 1995.

SAYÃO, Deborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**, vol. 14, n. 3 (42), p. 67-87, set./dez. 2003.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 20(2), p. 71-99, jul./dez. 1995.

SERRA, Elizabeth D' Angelo. Um panorama da literatura para crianças e jovens. In: Serra, Elizabeth D' Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. "Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida": representações da professora na literatura infantil. **Educação & Realidade**, 22 (2): 147-161, jul./dez. 1997.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M., BRANDÃO, Heliana M. B. e MACHADO, Maria Zélia V. (orgs.) **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

SOUZA, Érica Renata de. Questões de gênero na infância e na escola. Campinas, SP: Unicamp: **Dissertação de mestrado** [s/n], 1999..

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Lúgia Cademartori. **Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

_____. **A literatura infantil na escola**. S. Paulo: Global, 1998.

_____. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: Zilberman, Regina (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.) **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ANEXOS

FREITAS, Marcos César de. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Pta., SP: USF, 2001.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha. **Pro-Posições**, vol. 10, n. 1 (28), p. 139-156, março 1999.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. **Cad. de Pesquisa**, (25): 29-98, junho, 1978.

_____. Homem-mulher: por que polarizamos os sexos? **Cad. de Pesquisa**, (26): 93-8, setembro, 1978.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. S. Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. S. Paulo: Ática, 1984.

_____. e _____. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. S. Paulo: Global, 1986.

_____. **Literatura: leitores & leitura**. S. Paulo: Moderna, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade. Comunicação realizada no I **Seminário Internacional "A educação e o gênero feminino"**, Ribeirão Preto, março de 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. **Educação & Realidade**, 14 (2): 31-39, jul./dez. 1989.

_____. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: Silva, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, 20 (2): 101-132, 1995.

_____. **Pedagogia da sexualidade**. P. Alegre: Contra-bando.

_____. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, A. (org.) **Crítica pós-estruturalista e educação**. P. Alegre: Sulina, 1995.

MARTINEZ, Silvia Alicia. Questões de gênero e formação de professores/as. In: CANDAU, Vera Maria (org.) **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELLO, Guiomar Namo. Os estereótipos sexuais na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.15, p. 141-144, jul. 1975.

PONDÉ, Glória. **A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.80, p. 62-74, fev. 1992.

_____. A mulher na literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.15, p. 138-140, set. 1975.

_____. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001.

_____. Educação, gênero e raça. Comunicação realizada no **I Seminário Internacional "A educação e o gênero feminino"**, Ribeirão Preto, março de 2003.

_____. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A discriminação sexista nas instituições escolares: meninos visíveis e meninas invisíveis. In: SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O currículo oculto**. Porto: Ed. Porto, p. 153-165, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 20(2), p. 71-99, jul./dez. 1995.

SERRA, Elizabeth D' Angelo. Um panorama da literatura para crianças e jovens. In: Serra, Elizabeth D' Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. "Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida": representações da professora na literatura infantil. **Educação & Realidade**, 22 (2): 147-161, jul./dez. 1997.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M., BRANDÃO, Heliana M. B. e MACHADO, Maria Zélia

V. (orgs.) **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

SOUZA, Érica Renata de. Questões de gênero na infância e na escola. Campinas, SP: Unicamp: **Dissertação de mestrado** [s/n], 1999.

SUBIRATS, Marina. Niños e niñas en la escuela: una exploración de los códigos de género actuales. In: **Educación e Sociedade**, n. 4, Madrid: Akal, 1986.

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

_____. Unicamp: **Dissertação de mestrado**. S. Paulo: Global, 1998.

_____. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: Zilberman, Regina (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.) **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

- Levantamento bibliográfico realizado no site do GEERGE (Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

LOURO, Guacira. Epistemologia feminista e teorização social -- desafios, subversões e alianças. In Miriam Adelman e Celsi Brønstrup Silvestrin (orgs.) **Gênero Plural**. Um debate interdisciplinar. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

_____. Gênero e sexualidade: Histórias de Exclusão. In Maria Lígia Coelho Prado e Diana Gonçalves Vidal (orgs.) **À margem dos 500 anos** - Reflexões irreverentes. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. Gênero: questões para Educação. In Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora 34, 2002.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora. 2001.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 9(2), 2001.

_____. Teoria queer: una política pos-identitaria para la educación. **Cuaderno de Pedagogía**. Rosario. Año IV, n.9, Octubre 2001.

_____. Sexualidade e gênero na escola. In Saraí Schmidt. **A Educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

_____. La construcción escolar de las diferencias sexuales y de género. In Pablo Gentili (org.) **Codigos para la ciudadanía**. La formación etica como práctica de la libertad. Buenos Aires: Santillana, 2000.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**. Vol. 25(2), jul/dez. 2000: 59-76

_____. Género y magisterio en Brasil: identidad, historia y representación. **Pretextos pedagogicos**. Colombia, n. 09, 2000.

_____. "O cinema como pedagogia". In Eliane M.T.Lopes, Luciano Mendes e Cynthia Greive (orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. "Por que estudar gênero na era dos cyborgs?" InTania Galli Fonseca e Deise Francisco (orgs.) **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

_____. (org.) **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Sexualidade: lições da escola. In Dagmar Meyer (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In Anais do **Seminário "Surdez, Cidadania e Educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão"**. Rio de Janeiro: INES, 1998.

_____. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In Marisa Costa (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: D.P&A, 1998.

_____. A formação do cidadão virtuoso. História de um projeto de escolarização de meninos. In Rogério Fernandes e Áurea Adão (orgs.) **Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil**. 1500-1970. Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998.

_____. Segredos e Mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In Luiz Heron Silva (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Mulheres nas salas de aula. In Mary del Priore (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Género y magisterio en Brasil: identidad, historia, representación. Archipiélago. **Cuadernos de crítica de la cultura**. Número 30, outono de 1997.

_____. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In Denice Catani e outras (orgs). **Docência Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

_____. Produciendo sujetos masculinos y cristianos. In Alfredo Veiga-Neto (comp.). **Crítica Pós-estruturalista y Educación**. Barcelona: Laertes Ed., 1997.9.58.

_____. A construção escolar das diferenças. In Christianne Werneck e outros (orgs.). IX ENAREL. **A diversidade cultural no Lazer**. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.

_____. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In Marisa Costa (org.). **Escola Básica na Virada do Século**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In Marta J. Lopes, Dagmar Meyer e Vera Waldow (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In Alfredo Veiga-Neto(org.). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1995.

_____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Vol.20 (2), jul/dezem. 1995.

_____. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In Luiz Heron Silva e José Clóvis Azevedo(orgs.) **Reestruturação Curricular**. Teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Porto Alegre — finais do século 19: normalistas e moças bem comportadas. In Vargas e outros (orgs.). **Porto Alegre na virada do século 19**

— cultura e sociedade. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, Ed. ULBRA, Ed. UNISINOS, 1994.

_____. **Uma leitura da História da Educação na perspectiva do gênero.** Projeto História. PUC/São Paulo, n. 11, novembro 1994.

_____. e MEYER, D. Donas de Casa, Artesãs e Técnicas. In Cristina Bruschini e Bila Sorj (orgs.). **Novos Olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil.** São Paulo: Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

_____. e MEYER, D. The Schooling of the Domestic: the "construction" of a female technical school and its curriculum (1946-70). **Curriculum Studies.** Vol.2 (1), 1994.

_____. Riscados e fios soltos. **Estudos Feministas.** Vol.2(2), 1994.

_____. e MEYER, D. A escolarização do doméstico. A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). **Cadernos de Pesquisa.** N.87, nov. 1993.

_____. A Integração dos Núcleos de Mulher às Universidades. In Albertina Costa e Eva Blay (orgs.) **Gênero e Universidade.** Anais do Encontro Nacional de Núcleos Universitários de Estudos sobre Relações Sociais de Gênero. São Paulo: NEMGE-USP, 1992.

_____. Nós, as normalistas do Instituto. In Sergius Gonzaga e Luiz Augusto Fischer (orgs.). **Nós, os gaúchos.** Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.

_____. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e Educação.** Nº.6, ago/dez. 1992.

_____. "Mulher e Educação Formal no Brasil: Estado da Arte e Bibliografia" - de Fulvia Rosemberg e outras. Resenha Crítica. **Cadernos de Pesquisa.** S.Paulo, n. 78, agosto 1991.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade.** vol. 25 (1), jan/jul.2000: 115-131.

_____. "Entre tias e tiazinhas: Pedagogias culturais em circulação. In Luiz Heron Silva (org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. "Problematizando a sexualidade na escola e no currículo". **Cadernos da Associação dos Orientadores Educacionais – RS.** Porto Alegre, nº 2, 1999.

_____. "Construindo identidades sexuais na Educação Infantil". **Páteo**, n. 7, nov.98/jan.99. p. 56-58.

_____. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In Dagmar Meyer (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998 (Série Cadernos de Educação Básica, n.4).

_____. Aspectos gerais do desenvolvimento infantil. In, Carmem M. Craidy (org.). **O educador de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos de Educação Infantil, v. 5).

_____. O desenvolvimento infantil na perspectiva socio-interacionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In Carmem Craidy; Gladis E. Kaercher (orgs.). **Educação Infantil: p'ra que te quero?** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1998.

_____. Sexualidade, gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a educação Infantil. In Carmem M. Craidy e Gladis Kaercher (orgs.). **Educação Infantil: p'ra que te quero?** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1998

_____. **Questões de gênero: construindo identidades**. Anais do II Congresso Internacional de Educação Infantil do Mercosul. Santa Maria,. 5 a 8 de junho de 1998.

_____. **Cadernos de Educação Básica**. Vol. 3. Porto Alegre, Mediação, 1997.

_____. **Considerações sobre o currículo em Educação Infantil**. Espaços da escola. Unijuí, ano 4, n. 25, jul./set. 1997.

_____. A temática da sexualidade nos livros dirigidos ao público infantil: relações de gênero e outras implicações. **Coletâneas do PPGEDU/UFRGS**, Vol. 4, n. 12, mai./jun. 1997.

_____. Aspectos gerais do desenvolvimento infantil (0 a 6 anos). **Caderno para Educadores das Instituições de Atendimento e Educação Infantil**. Porto Alegre: STCAS. Jul./1997.

_____. Produções e Estudos do GEERGE: algumas considerações. In Denice Catani e outras (orgs.). **Docência Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

_____. DORNELLES, L. V. & HORN, M. G. S. Os filhos de Ninguém. **Série**

Documentos do VIII ENDIPE. Núcleo de publicações - CED - UFSC, maio/1996.

_____. Novas perspectivas para uma escola infantil nos assentamentos do Rio Grande do Sul. In Nilton Fischer e outros (orgs.). **Educação e classes populares**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. Das pequenas violências diárias nas escolas infantis. **Coletâneas do PPGEDU**, Vol. 2(4), jan./fev. 1996.

_____. Novas perspectivas para uma escola infantil nos assentamentos do Rio Grande do Sul. **Coletâneas do PPGEDU**, Ano I (n.2), set/out. 1995.

2. RELAÇÃO DAS 27 OBRAS DA LITERATURA INFANTIL PESQUISADAS NA PRÉ-ESCOLA

ANDRADE, Telma G. Castro. **Um natal sem igual**. Ilustrações: Osnei. S. Paulo: Editora Atual, 1995.

BARBOSA, Isabella. **É só gostar**. Arte: Ingrid Bellinghausen. S. Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2002.

BARROS, Sônia. **Um bichinho só pra mim**. Ilustrações: Alberto Llinares. S. Paulo: Quinteto Editorial, 1997.

BOHRER, Ana Maira. **A menina açucarada**. Ilustrações: Leninha Iacerta. S. Paulo: FTD, 1994.

BRAIDO, Eunice. **Como nasce o homem**. Ilustrações: Mingo e Maria Donizete. S. Paulo: Editora FTD, s/ d.

CAVALCANTI, Maurício. **Era uma vez, era uma vez, era uma vez...** Ilustrações: Denise Rochael. S. Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1998.

DRUMMOND, Regina. **O carrinho vermelho**. Ilustrações: Luís Maia. S. Paulo: Moderna, 1995.

FERNANDES, Paulo Dias. **O livro da terra e das águas**. Ilustrações: Sérgio J. Alcântara e Miriam R. Costa. Erechim (RS): Edelbra, s/d.

FERNANDES, Paulo Dias. **O livro dos sentidos**. Ilustrações: Sérgio J. Alcântara e Miriam R. Costa. Erechim (RS): Edelbra, s/d.

FERNANDES, Paulo Dias. **O livro dos sexos**. Ilustrações: Sérgio J. Alcântara e Miriam R. Costa. Erechim (RS): Edelbra, s/d.

GABOARDI, Lucila C. **O menino e o vírus**. Ilustrações: Bianca. S. Paulo: Edições Paulinas, 1993.

GARCIA, Edson Gabriel. **Enquanto seu sono não vem**. Ilustrações: Laurabeatriz. S. Paulo: Moderna, 1994.

GÓES, Lúcia Pimentel. **História em ponto de agulha**. Ilustrações: Miadaira. S. Paulo: Moderna, 1993.

JUNQUEIRA, Sônia. **Mistério preso no armário**. Ilustrações: Zéflávio Teixeira. S. Paulo: Moderna, 1992.

KUPSTAS, Márcia. **Os bichos e a fada**. Ilustrações: Roberto Negreiro. S. Paulo: Moderna, 1996.

MALTA, Terezinha. **A redoma invisível**. Ilustrações: Ricardo Girotto e Luís Carlos Fernandes. S. Paulo: Editora do Brasil, 1994.

MASUR, Jandira. **As caixas que andam**. Ilustrações: Zéflávio Teixeira. S. Paulo: Editora Ática, 1996.

NICOLÉLIS, Giselda Laporta. **Eu tropeço e não desisto**. Ilustrações: Leninha Lacerda. S. Paulo: Moderna, 1992.

NUCCI, Nély A. Guenelli. **A turma do utilixo**. Ilustrações: Sérgio Ramos. S. Paulo: Edições Paulinas, 1999.

PADILLA, Gilda Figueiredo. **Bom-dia na roça**. Ilustrações: Ricardo Leite. R. de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1993.

PEIXOTO, Marilse Lopes. **Zequinha sumiu!** Ilustrações: Michio Yamashita. S. Paulo: Moderna, 1997.

PINTO, Gerusa Domingues. **Adivinhe! Quem está para chegar?** Ilustrações: Hugo M. da Silva. Belo Horizonte: FAPI, 1996.

ROCHA, Ruth. **Mil pássaros pelos céus**. Ilustrações: Cláudio Martins. S. Paulo: Ática, 1996.

SOUZA, Maria do Carmo Alves de. **Covardia**. Ilustrações: Soares. S. Paulo: Paulus, 1995.

STEFANI, Roseli. **Contramão**. Ilustrações: Marcelino Vargas. S. Paulo: Paulus, 1997.

TAMBORLIN, Neusa. **Dona Ostra**. Ilustrações: Isabella Tosin. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 1999.

VILAS, Cleide. **A lagarta que tinha medo de voar**. Ilustrações: Wanduir. S. Paulo: Edições Paulinas, 1998.